

O BOLETIM CULTURAL DA GUINÉ PORTUGUESA NO CONTEXTO DA LUTA PELA INDEPENDÊNCIA: CRÔNICA DA PROVÍNCIA (1970-1973)

José Bento Rosa da Silva¹

Resumo: O artigo empreende uma análise do Boletim Cultural da Guiné Portuguesa, que, entre 1945 e 1973, fez circular 110 números. Embora o Boletim fosse um instrumento ideológico do colonizador, o objetivo do presente estudo é investigar temas veiculados nele entre 1970 e 1973, período crucial na história da Guiné.

Palavras-Chave: Guiné Portuguesa. Boletim Cultural da Guiné Portuguesa. Descolonização.

Abstract: The article analyzes the Cultural Bulletin of Portuguese Guinea, that circulated 110 numbers, between 1945 and 1973. Although the Bulletin was an ideological instrument of the colonizer, the objective of this study is to investigate themes written in it between 1970 and 1973, a crucial period in Guinea's history.

Keywords: Portuguese Guinea. Cultural Bulletin of Portuguese Guinea. Decolonization.

O Boletim Cultural da Guiné Portuguesa, “órgão de informação e cultura da colônia”, foi criado pelo então Governador da Colônia, Sarmiento Rodrigues, em 21 de julho de 1945. Entre 1946 e 1973, foram publicados 110 números. É importante lembrar que a criação se deu logo após a segunda grande guerra mundial, quando o movimento de descolonização em África e Ásia ganha-

¹ Professor do Departamento de Antropologia da Universidade Federal da Bahia. Endereço eletrônico: negrobento@bol.com.br.

vam visibilidade. Neste sentido, a criação de tal órgão pode ser vista como uma tentativa de mostrar uma pretensa “harmonia” entre a metrópole e a colônia, que na década de cinquenta passaria a ser denominada de Província do Ultramar.

Embora saibamos que o boletim era um instrumento ideológico do colonizador², nosso objetivo foi investigar os temas veiculados nele, no período compreendido entre 1970 e 1973, quando, para usarmos uma expressão do cineasta Glauber Rocha: “a Guiné estava em transe”³.

O boletim possuía as seguintes seções permanentes: crônica da colônia, seção etnográfica, seção econômica e estatística, revista de livros e impressos, crítica bibliográfica e publicações recebidas. Escolhemos para nossa análise a seção crônicas da colônia, que em nossa opinião poderiam refletir ou não aspectos do que estava acontecendo na Guiné Bissau. Partimos do pressuposto de que o possível silêncio acerca dos acontecimentos pré-independência poderia ser um objeto de investigação, ou seja, se não falavam da realidade existente, do que falavam os boletins entre 1970 e 1973? É importante dizer que neste período foram publicados quatorze números.

Em 1970, enquanto Amílcar Cabral e seus combatentes lutavam pela soberania da Guiné, o então governador da província, general Antônio Sebastião Ribeiro de Spínola, encerrava o concurso em homenagem ao V centenário do nascimento de Vasco da Gama. O boletim número noventa e sete, na seção Crônica da Guiné, reproduziu:

[...] na fase conturbada de restauração que a África atravessa em busca da felicidade, em que necessariamente se integram os

2 O artigo 5º. da portaria que lançou o Boletim rezava que “a comissão de redação sujeitará à apreciação do governador cada número do Boletim a publicar”.

3 Glauber Rocha usou a expressão “terra em transe” para caracterizar as mudanças ocorridas no Brasil no final dos anos 50 e início dos 60.

legítimos anseios de progresso do povo guineense, a educação da juventude constitui, sem dúvidas, o mais rentável investimento que um governo consciente pode realizar com a projeção ao futuro. Se não educarmos e instruímos a grande massa do povo, em ordem a prepará-lo convenientemente para várias tarefas que lhe competem no desenvolvimento da província; a obra de promoção que se impõe realizar nos domínios do econômico, do social e do cultural não terá real sentido nem traduzirá em sentimento honesto [...] Antes de tudo, mesmo antes de formar doutores, há que elevar o nível geral do povo guineense, criando as condições necessárias para uma seleção escalonada de valores. Enquanto não satisfizemos esse nível mínimo que, em última análise, se traduz em todos saberem falar português, escrever e contar, os nossos objetivos primários não estão atingidos⁴.

Enquanto a metrópole propunha uma educação restauradora de um sistema que se “desmanchava”, a educação e cultura proposta pelos combatentes eram em direção diametralmente oposta: uma educação e uma cultura que forjava o homem novo, como preconizava Amílcar Cabral. Segundo Odete Semedo, Cabral pensava a cultura como uma forma de luta contra o colonialismo, ou seja, a “luta como um ato de cultura”. E, citando Carlos Lopes, mostra a importância das cantigas populares em língua local no processo de luta de independência. Reproduzimos aqui a entrevista de um ex-combatente colhida por Lopes:

As cantigas ajudaram muito a recuperar as pessoas. Durante a década de 60 houve muitos voluntários, e no meio da década muitos queriam voltar para trás, mas já era tarde. Já estavam naquele processo e voltar atrás não era a solução adequada. Se as palavras de Cabral e de outros dirigentes ajudaram a mobilizar os militantes, as cantigas ajudaram a animá-los. As cantigas ajudaram a recuperar muita gente que já estava em estado de desânimo. E ajudou a trazer para a

4 Boletim Cultural da Guiné Portuguesa, n. 97, v. XXV, 1970, p. 147-148. Disponível em: <http://memoria-africa.ua.pt/introduction/tabid/83/language/pt-PT/Default.aspx>. Acesso em: 26 set. 2012.

luta muitos que se encontravam em Bissau, que tinham a consciência do que se passava⁵.

Nos boletins culturais que investigamos, não encontramos nenhuma cantiga popular que pudesse refletir um sentimento de contestação ao colonizador, por razões óbvias, é preciso lembrar também que os boletins eram publicados na língua do colonizador, dentro do processo de uma educação para a identidade nacional (leia-se portuguesa) como preconizava a matriz curricular das escolas coloniais, ou seja, dentro de um projeto assimilacionista, como apontam pesquisas, tais como, a de Omar Ribeiro⁶. Aliás, isto está implícito no discurso do governador, quando fala em seleção escalonada de valores, ou seja, os que desejavam um melhor lugar na “escala” social, deveriam imitar o modelo português metropolitano, adestrar-se à cultura considerada civilizada...

O boletim cultural número noventa e oito, o segundo publicado naquele ano de 1970, dedicou boa parte da secção crônicas à visita do ministro de ultramar à Guiné, o professor doutor Silva Cunha.

A crônica, publicada no referido boletim, foi escrita pelo professor do quinto grupo do Ensino Secundário, o professor Alfredo Garrido Ferreira, aliás, ele foi o autor de todas as crônicas que tivemos a oportunidade de ler, no período de 1970 a 1973. Através dos discursos proferidos pelo visitante, e dos discursos a ele dirigidos, evidenciam-se as tensões entre os colonizadores metropolitanos e seus representantes na província, com relação ao movimento de independência. Às vezes declarado, às vezes nas entrelinhas, o clima era de apreensão...

Iniciemos pelo discurso do governador ao saudar o “ilustre” visitante:

5 LOPES apud SEMEDO, Odete Costa. *Guiné-Bissau: história, culturas, sociedade e literatura*. Belo Horizonte, Nandyala, 2011, p. 49.

6 Estamos nos referindo à obra: THOMAZ, Omar Riberio. *Ecoss do Atlântico Sul: representações sobre o terceiro império português*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ; São Paulo: Fapesp, 2002.

[...] Ainda recentemente, na cerimônia de posse do governador geral de Moçambique Vossa Excelência, traduzindo fielmente a vontade unânime da nação portuguesa, foi peremptório ao reafirmar a irrevogável determinação do governo central, em defender, sem limitações, o nosso secular patrimônio ultramarino [...] ⁷.

E acrescenta, dizendo que o mundo vivia uma fase de orientação, que era preciso apontar o caminho certo para o futuro... Este discurso foi proferido, segundo o autor da crônica, no salão nobre do palácio do governo, na sessão de boas vindas, diante das mais altas entidades civis, militares, religiosas e tradicionais.

O discurso do governador mostra que o governo português não estava disposto a negociar com Cabral e seus camaradas, bem como toda a nação portuguesa. Fala como se todos os portugueses estivessem em comum acordo em manter a Guiné e outras províncias de África sob sua dependência, como se não houvesse vozes dissonantes no seio do império português acerca do tema em questão. E sabemos que isso não era verdadeiro ⁸.

Respondendo às saudações do governador, em seu discurso o ministro disse que infelizmente a província não vivia a paz desejada, em função dos ataques dos adversários, mas que

tudo faremos para que ela se restabeleça e declaro solenemente o desejo de mantermos boas relações com todos os povos e com todas as nações e muito especialmente com os nossos vizinhos, mas afirmo com igual solenidade a firme determinação de aqui mantermos a presença de Portugal [...] Defenderemos tenazmente este “chão português”, esta guiné que com o esforço de todos será uma “Guiné Melhor” em que reine a Paz e Justiça e em que o trabalho fecundo traga cada vez mais bem estar para todos os seus filhos ⁹.

7 Boletim Cultural da Guiné Portuguesa, n. 98, v. XXV, 1970, p. 170. Disponível em: <http://memoria-africa.ua.pt/introduction/tabid/83/language/pt-PT/Default.aspx>. Acesso em: 26 set. 2012.

8 Sobre esta questão, ver: ENDERS, Armelle. *História da África lusófona*. Lisboa: Ed. Inquérito, 1997.

9 Boletim Cultural da Guiné Portuguesa, n. 98, v. XXV, 1970, p. 171-172. Disponível em: <http://me>

Os inimigos, aos quais o ministro se refere, eram com certeza os que lutavam contra o colonialismo português, tanto na província quanto na metrópole; ele estava, com certeza referindo-se também à influência do bloco socialista nos movimentos de independência das suas últimas colônias em África: Guiné Bissau, Moçambique e Angola.

O ministro visitou outros departamentos e instituições de Bissau. Foi homenageado com um jantar pela Associação Comercial, quando foi saudado por seu presidente, Alberto Câmara Manoel, que considerou os membros da associação as “forças vivas das portuguesas terras da Guiné”. Disse mais:

Nós, — os do comércio, da indústria e da agricultura —, como soldados da retaguarda, estamos atentos para sabermos ganhar a paz, como, por vontade de Deus e determinação dos homens, os bravos marinheiros, soldados e aviadores — essa radiosa mocidade de Portugal — saberão ganhar a guerra que do estrangeiro nos é imposta¹⁰.

Como podemos notar o boletim revela a disposição de uma determinada classe social residente em Guiné, de não se “dobrar” à Amílcar Cabral e seus seguidores. A acusação, de que são “estrangeiros” que fazem a guerra, pode ter sido dirigida também ao líder Cabral, que na verdade havia nascido na Guiné, mas de pais cabo-verdianos. Fora criança para Cabo Verde onde fizera seus estudos tendo prosseguido-os em Lisboa...

Terminada a solenidade, o ministro dirigiu-se para Bafatá. Lá realizou a cerimônia de elevação da vila à categoria de cidade, talvez como uma estratégia¹¹, posto que as primeiras “células clandestinas” surgiram em Bissau, Bolama e Bafatá¹². Ainda que o bo-

moria-africa.ua.pt/introduction/tabid/83/language/pt-PT/Default.aspx. Acesso em: 26 set. 2012.

10 Idem, p. 173

11 Amílcar Cabral nasceu em Bafatá.

12 Sobre esta questão, ver: FERNANDES, António da Conceição Monteiro. *Guiné-Bissau e Cabo Verde: da unidade à separação*. Universidade do Porto. Faculdade de Letras. Centro de Estudos Africanos, 2007. (Dissertação de Mestrado em estudos Africanos)

letim não revele, a visita, a nosso ver, tinha outros objetivos, como fica expresso no discurso proferido pelo visitante ilustre:

A cerimônia a que hoje assistimos tem um alto significado. Nesta terra martirizada pela violência desencadeada do exterior foi possível reunir estes milhares de pessoas, para alegremente se associarem ao ato festivo que assinala a elevação à categoria de cidade desta velha histórica vila de Bafatá.

Isso significa que mau grado o dispêndio de energias e recursos, e vidas perdidas, de bens destruídos, de sofrimentos impostos pelos adversários do povo de Guiné, é possível continuar trabalhos de Paz e que as populações que beneficiam desse trabalho, o acompanham com interesse e saibam agradecer¹³.

Foram nove dias de andanças pela província da Guiné. De Bafatá a comitiva seguiu para Mansoa, vila de Teixeira Pinto, Nova Lamego e finalmente Aldeia Formosa. Era preciso “seduzir” os guineenses numa época em que as forças opositoras estavam tão ou mais vivas do que as forças vivas dos tugas¹⁴, representados na Associação do Comércio, indústria e agricultura; além das forças militares, é claro.

O boletim número noventa e nove, publicado no mesmo ano de 1970, limitou-se a fazer propaganda das ações do governo português na província, a começar pela comemoração do dia de Portugal, com desfiles, condecorações, torneios, etc. No entanto, para além desta festa oficial, não se mencionou outras possíveis manifestações, até porque eram tempos de tensões, guerrilhas... não foram pronunciados discursos, ao menos o cronista não mencionou nenhum, como fizera no boletim anterior. Uma advertência, o cronista era o mesmo professor Garrido Ferreira.

13 Boletim Cultural da Guiné Portuguesa, n. 98, v. XXV, 1970, p. 178. Disponível em: <http://memoria-africa.ua.pt/introduction/tabid/83/language/pt-PT/Default.aspx>. Acesso em: 26 set. 2012.

14 “O termo *tuga* popularizou-se durante os anos 1960, no decurso da dita “Guerra Colonial”, como expressão para designar os portugueses por parte dos guerrilheiros e oposição independentista africana em geral. Tinha como contraponto o termo *turra* (para terrorista, influenciada por gíria *turra* (*andar às turras*), usado pelos portugueses para designar os guerrilheiros independentistas. Ambas as expressões foram, nessa época, entendidas como depreciativas, por serem usadas pelo inimigo” ([O termo “tuga”]. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Tuga>. Acesso em: 26 set. 2012).

O quadro internacional não era favorável ao governo¹⁵, sua Santidade o Papa Paulo VI havia recebido a visita dos líderes dos movimentos de independência de Guiné Bissau, Moçambique e Angola, e manifestou apoio ao desejo de autodeterminação dos povos africanos, conforme a pesquisa de Fernandes:

Em 1970 teve lugar a conferência de Roma de solidariedade para com os povo das colônias portuguesas. Esta conferência foi coroada com a audiência do Papa Paulo VI aos três líderes dos movimentos nacionalistas: Amílcar Cabral do PAIGC, Agostinho Neto do M.P.L.A e Marcelino dos Santos da F.R.E.L.I.M.O. Cabral falou ao Sumo Pontífice em nome dos três movimentos. Segundo o que consta o Vaticano terá afirmado que “Estamos ao lado daqueles que sofrem, somos a favor da paz, da liberdade, e da independência nacional de todos, em particular os povos africanos”¹⁶.

O não dito, ou o silêncio acerca do que poderia estar acontecendo em Guiné-Bissau para além das comemorações veiculadas pelo boletim é intrigante, não se levarmos em consideração que os silêncios também são reveladores, como sugere a obra de Eni Puccinelli Orlandi, que buscou entender as formas do silêncio no movimento dos sentidos; ou seja, é possível extrair os significados dos silêncios¹⁷. Os governos autoritários são geradores de silêncios por excelência; e não podemos esquecer que Portugal nesta época estava sob a égide da ideologia salazarista.

A visita de uma delegação de parlamentares norte-americanos à Guiné Bissau foi noticiada na secção crônica da província, na edição número 104 do ano de 1971, sem, no entanto, mencionar as razões pelas quais lá estiveram. É óbvio que os motivos eram o

15 Salazar havia sido substituído (em 1968) por Marcelo Caetano que prosseguia a política do antecessor.

16 FERNANDES, Antônio da Conceição Monteiro. *Guiné-Bissau e Cabo Verde: da unidade à separação*. Universidade do Porto. Faculdade de Letras. Centro de Estudos Africanos, 2007. (Dissertação de Mestrado em Estudos Africanos), p. 30.

17 Sobre esta questão, ver: ORLANDI, Eni Puccinelli. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. Campinas: Ed. Unicamp, 2007.

avanço do movimento independentista; era a época em que se convencionou denominar de guerra fria, o confronto ideológico entre o socialismo, sob a liderança da União Soviética, e do capitalismo, sob a égide dos Estados Unidos da América. Talvez o temor de um “novo Vietnam”¹⁸, agora em terras africanas. Não é demais lembrar que no ano anterior sua Santidade o Papa Paulo VI já havia se pronunciado favoravelmente à emancipação dos povos oprimidos pelo colonialismo, sobretudo os do continente africano, como vimos acima. Pois bem, a notícia “meteórica” teve o conteúdo seguinte:

De visita a esta província chegaram a Bissau o senhores Diggs e Vander Jagt, membros da comissão dos Negócios Estrangeiros da Câmara dos representantes dos Estados Unidos.

Deslocaram-se a esta parcela do território nacional a fim de tomarem contato com o atual momento da província. Da comitiva fizeram parte também o adido militar à Embaixada Americana em Lisboa, o coronel Bloom.

Depois de terem sido recebidos pelo governador da província, participaram de uma reunião, durante a qual lhes foi desenhado o quadro da situação da província¹⁹.

Também visitou a província, na mesma época, o deputado inglês o senhor Ian Sproat, com a finalidade de juntar informações para uma conferência no colégio da Nato²⁰. Notamos, portanto, que não era apenas uma notícia comunicando visitas de passeio dos deputados estrangeiros à província; as visitas estavam no contexto do “grande medo” que pairava na metrópole quanto ao perigo comunista em suas províncias em África.

Foi neste contexto de apreensão que visitaram também a

18 Sobre esta questão, ver: A vietnamização dos conflitos. In: ENDERS, Armelle. *História da África lusófona*. Lisboa: Ed. Inquérito, 1997.

19 Boletim Cultural da Guiné Portuguesa, n. 104, v. XXVI, 1971, p. 173. Disponível em: <http://memoria-africa.ua.pt/introduction/tabid/83/language/pt-PT/Default.aspx>. Acesso em: 28 set. 2012.

20 A sigla corresponde à expressão inglesa *North Atlantic Treaty Organization* (Organização do Tratado do Atlântico Norte — OTAN). A organização foi criada em 1949, no contexto da Guerra Fria, com o objetivo de constituir uma frente oposta ao bloco comunista.

província jornalistas estrangeiros no ano seguinte, conforme noticiou o boletim cultural em 1972. O autor apenas noticia: “a fim de fazerem uma reportagem sobre a nossa Guiné para uma cadeia de jornais, chegaram a Bissau os jornalistas ingleses, Alice Barstow e Christopher Barham”²¹. Em nossa opinião eles não foram à província apenas para admirarem os lindos olhos do general Spínola, governador ou dos tugas; embora a notícia silencie acerca dos reais objetivos da visita dos jornalistas ingleses...

O ministro de Ultramar, Sílvio Cunha fez, em 1972, outra visita à província, conforme noticiado pelo boletim número 107. Entre os discursos de boas vindas do governador Spínola e os agradecimentos do ministro, medimos o clima de apreensões que pairava no ar. Saudando o “ilustre” visitante, Spínola disse:

nesta hora conturbada em que vive a nação, num tumultuar de ideias, aspirações, interesses e vaidades, em ambígua aliança que confunde e divide os homens, a presença de Vossa Excelência na Guiné não poderá deixar de ser interpretada como inequívoca demonstração de fidelidade aos princípios que informam a política nacional de africanização que aqui vimos realizando com os olhos postos num futuro que satisfaça plenamente as justas aspirações do povo desta terra²².

“Puxação-de-saco” à parte, sabemos que a preocupação do ministros e demais autoridades portuguesas não era de fato com a população africana da província, mas com os seus interesses, posto que estavam correndo o perigo de perder “a galinha dos ovos de ouro” — leia-se, suas colônias de além mar —, como vinha acontecendo com as colônias de seus conterrâneos europeus como um efeito dominó, desde fins da segunda grande guerra mundial.

A província recebeu outras visitas, como a de Horácio de

21 Boletim Cultural da Guiné Portuguesa, n. 106, v. XXVII, 1972, p. 209. Disponível em: <http://memoria-africa.ua.pt/introduction/tabid/83/language/pt-PT/Default.aspx>. Acesso em: 28 set. 2012.

22 Boletim Cultural da Guiné Portuguesa, n. 107, v. XXVII, 1972, p. 215. Disponível em: <http://memoria-africa.ua.pt/introduction/tabid/83/language/pt-PT/Default.aspx>. Acesso em: 28 set. 2012.

Sá Viana Rebelo, ministro da defesa Nacional e do Exército. Este estava com sua esposa, embora não estivessem à passeio, pois o clima não era favorável... Estes desembarcaram no aeroporto de Bassilanca, onde foi recebido por autoridades civis, militares e outros “puxa-sacos” de plantão — digo, outras pessoas interessadas na visita...

É importante notar que este quadro de visita é ilustrado com fotografias, onde notamos a presença mínima de africanos, a maioria eram mesmo os colonos brancos metropolitanos e os militares, que não poderiam faltar nestas ocasiões, posto que o clima era mesmo de guerra, ainda que o autor da crônica não as declarasse.

O último boletim publicado foi no vitorioso ano de 1973 — vitorioso para os guineenses, é claro! Nele encontramos no quadro de visitas das crônicas do professor Garrido: uma equipe de um canal de TV alemão, com várias pessoas a fim de fazerem reportagens. Para o professor, a finalidade das reportagens era mostrar o progresso em que se encontrava a província. Diz ele: “durante sua estadia e apontamentos de reportagem que lhe permitiu apreciar o surto de progresso que nas mais longínquas paragens se faz sentir”²³. Esteve também a jornalista norueguesa Inga Galtung. Esta a convite do governo, segundo o autor das crônicas. Parece-nos que o governador estava interessado em fazer uma propaganda positiva da província no exterior, como se depreende da notícia que diz: “Durante sua estadia deslocou-se diversas vezes para ao interior, onde pode apreciar e constatar a realidade portuguesa, que por todos os cantos da Guiné é uma verdade insofismável”²⁴. Registramos ainda a visita do embaixador britânico em Lisboa, o sir David Francis, e a de um professor universitário brasileiro, o doutor Mainar Longhi. Não sabemos ao certo com que finalidade fora à província

23 Boletim Cultural da Guiné Portuguesa, n. 110, v. XXVIII, 1973, p. 192. Disponível em: <http://memoria-africa.ua.pt/introduction/tabid/83/language/pt-PT/Default.aspx>. Acesso em: 28 set. 2012.

24 Idem.

da Guiné, tampouco sabemos em que condições; mas uma coisa é certa: o Brasil vivia em plena ditadura militar, uma das páginas mais infelizes da nossa história — conforme compositor e cantor Chico Buarque de Hollanda —, e visitar uma província que estava — na concepção dos ideólogos da segurança nacional —, disputada por “ideologia esdrúxula”, não era para qualquer brasileiro...

À guisa de conclusão:

As crônicas publicadas no Boletim Cultural da Guiné Portuguesa, no período compreendido entre 1970 e 1973, nos possibilitaram notar como a imprensa oficial da época procurou ocultar o que acontecia realmente na então província que lutava pela sua autonomia. Mostrou ainda que, apesar deste ocultamento da realidade, se lida à contrapelo²⁵, estas crônicas apontam para outra direção, qual seja, havia uma guerra em curso. Guerra que culminou com a independência de Guiné Bissau em setembro de 1973.

Referências

Boletim Cultural da Guiné Portuguesa, n. 97, v. XXV, 1970. Disponível em: <http://memoria-africa.ua.pt/introduction/tabid/83/language/pt-PT/Default.aspx>. Acesso em: 26 set. 2012.

Boletim Cultural da Guiné Portuguesa, n. 98, v. XXV, 1970. Disponível em: <http://memoria-africa.ua.pt/introduction/tabid/83/language/pt-PT/Default.aspx>. Acesso em: 26 set. 2012.

Boletim Cultural da Guiné Portuguesa, n. 106, v. XXVII, 1972. In. <http://memoria-africa.ua.pt/introduction/tabid/83/language/pt-PT/Default.aspx>. Acesso em: 28 set. 2012.

Boletim Cultural da Guiné Portuguesa, n. 107, v. XXVII, 1972. Disponível em: <http://memoria-africa.ua.pt/introduction/tabid/83/language/pt-PT/Default.aspx>. Acesso em: 28 set. 2012.

²⁵ Para lembrar uma expressão de Walter Benjamin: “escovando a história à contrapelo”.

Boletim Cultural da Guiné Portuguesa, n. 110, v. XXVIII, 1973. Disponível em: <http://memoria-africa.ua.pt/introduction/tabid/83/language/pt-PT/Default.aspx>. Acesso em: 28 set. 2012.

ENDERS, Armelle. *História da África Lusófona*. Lisboa: Ed. Inquérito, 1997.

FERNANDES, Antônio da Conceição Monteiro. *Guiné-Bissau e Cabo Verde: da unidade à separação*. Universidade do Porto. Faculdade de Letras. Centro de Estudos Africanos, 2007. (Dissertação de Mestrado em estudos Africanos).

[O termo "tuga"]. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Tuga>. Acesso em: 26 set. 2012.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. Campinas: Ed. Unicamp, 2007.

SEMEDO, Odete Costa. *Guiné-Bissau: história, culturas, sociedade e literatura*. Belo Horizonte: Nandyala, 2011.

THOMAZ, Omar Riberio. *Ecos do Atlântico Sul: representações sobre o terceiro império português*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ; São Paulo: Fapesp, 2002.

Recebido em: jun. 2014. Aprovado em: 1 jul. 2014.